



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

REFLEXÕES SOBRE TERRITORIALIDADE, PAISAGEM E MEMÓRIA NO CONTEXTO DO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA-BA

Débora Paula de Andrade Oliveira
Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil
Endereço eletrônico: deborapaulageografia@gmail.com

Sônia de Souza Mendonça Menezes
Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil
Endereço eletrônico: soniamendoncamenezes@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo tecer uma reflexão teórica pautada na aproximação entre território, memória social e paisagem. Tal articulação tem como propósito compreender a geograficidade intrínseca as nuances da territorialidade presentes no Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), localizado na região central do Estado da Bahia. Elencado como referência empírica de análise, o PNCD abrange parte da Serra do Sincorá, delimitada pelos municípios de Lençóis, Mucugê, Andaraí, Palmeiras, Itaetê e Ibicoara.

Embora a pesquisa esteja em andamento, almeja-se evidenciar nessa análise as balizas teóricas que tem conduzido nossas reflexões em torno do universo empírico em questão. No que tange a metodologia, optou-se por enveredar num viés qualitativo de análise, cuja premissa filosófica se aproxima da abordagem fenomenológica, ancorada nos estudos de Merleau-Ponty (1948) e Dardel (2011 [1952]) dentre outros autores.

Alicerçado nesses referenciais, sublinha-se ainda, como síntese dos procedimentais de análise, em desenvolvimento nos percursos da pesquisa doutoral, o estado da arte, o levantamento documental, as vivências em campo, a realização de entrevistas, análises de obras literárias, cinematográficas e iconográficas, além dos mapeamentos. Considera-se que na convergência desses instrumentos repousa a compreensão das questões suscitadas no presente estudo.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



GEOGRAFICIDADE E MEMÓRIA SOCIAL: PAISAGENS E TERRITORIALIDADES NO PNCD

A geofricidade se concretiza nas práticas cotidianas dos sujeitos sociais, posto que, ao vivenciar o espaço, os sujeitos sociais constroem suas territorialidades e representações expressas nas paisagens, compreendidas como expressão do espaço vivido na (re)produção social da vida em distintos tempos históricos e configurações territoriais. A multidimensionalidade do território, bem como seu imbricamento em relação ao tempo é assim enfatizada por Santos: [...] “a geofricidade se impõe como condição histórica, na medida em que nada considerado essencial hoje se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o Território” (SANTOS, 1999, p.7). Para o autor, no território a história do homem plenamente se realiza a por meio das manifestações da sua existência, expressas em suas paixões, conflitualidades, ações e memórias.

A plenitude do território, referenciada por Santos convida a refletir sobre essa dimensão da vida, construída pelos sujeitos sociais mediante suas práticas cotidianas. A leitura do território é tecida em articulação com as reflexões em torno da paisagem e da memória social. Esta construção teórica parte do reconhecimento do território como expressão material e simbólica das configurações espaciais (SAQUET, 2007), o espaço e o tempo como dimensões indissociáveis constituintes da memória social (HALBWACHS, 1990) e as paisagens como herança dos processos naturais e históricos do lugar (AB’SABER, 2003).

Embora as pesquisas que abordam o território tenham um enfoque notadamente político-econômico, pois este é compreendido como espaço produzido pelas relações de poder (RAFFESTIN, 1992; SAQUET, 2007; HAESBAERT, 2016), é mais que urgente visitar tal acepção, no sentido de explorar as significações plurais que a sustentam. Compreender a multidimensionalidade e a natureza pluriescalar do poder permite pensar o território, e mais detidamente as territorialidades, como *constructos* sociais que se concretizam no cotidiano dos sujeitos e coletivos, logo, são permeados de sentidos, conflitos, representações e sentimentos diversos.

Ao considerar tais premissas, a leitura das nuances da territorialidade nas paisagens do PNCD permite reconhecer e distinguir a escala do poder territorial



verticalizado, delimitado pela institucionalização da unidade de conservação por meio da política pública exercida pelo Estado, das territorialidades horizontais, construídas historicamente pelos sujeitos sociais que habitam esse território, que é anterior a criação do território-parque. É na dimensão do cotidiano, da vivência e do sentimento de pertencer, atrelado às demandas elementares desses sujeitos no seu processo de reprodução social que as territorialidades horizontais, também notoriamente marcadas pelas relações de poder, se presentificam na paisagem e na memória social do lugar.

Haesbaert (2016), nesse contexto, adverte que pensar o poder de modo unilateral constitui-se num equívoco acadêmico banal, uma armadilha comum “[...] que reduz o território a única modalidade de poder e a única escala geográfica – o poder e a escala estatal” (HAESBAERT, 2016, p.32). A territorialidade, atrelada a ideia de identidade territorial, constitui-se numa perspectiva (i)material para pensar as nuances do território em toda sua plenitude. É o desafio de pensar o território e a territorialidade de modo que ultrapasse os rótulos engessados por vieses já consagrados. Não se trata de substituir ou contrastar perspectivas analíticas distintas, e sim, evidenciar as possibilidades fecundas oriundas de um olhar diferente do usual.

A dimensão da cultura se expressa na compreensão da territorialidade como relação de identidade e pertencimento a territórios vividos e apropriados material e simbolicamente pelos sujeitos sociais (BONNEIMAISSON, 2002). No PNCD, as territorialidades construídas pelos sujeitos sociais constroem essa apropriação nos percursos da vida cotidiana no lugar, numa relação intensa e simbiótica com a paisagem. Tais territorialidades asseguram a reprodução social e a permanência desses sujeitos frente ao cenário de conflito que se desenha no contraste com a territorialidade imposta pelo Estado. As singularidades presentes nas expressões do trabalho laboral, a exemplo dos guias turísticos locais, na produção de alimentos tradicionais e no artesanato são manifestações de uma territorialidade que além de constituir-se como sentimento de pertença ao território, é também estratégica e necessária, no sentido de permitir a reprodução social desses sujeitos e sua permanência e manutenção do modo de vida no PNCD.



Sack, nessa direção, é enfático ao afirmar que [...] Territoriality is a means of affecting a interaction and extends the particulars of action by contact¹ (SACK, 1983, p. 55). As relações sociais são um traço comum para pensar o território e a territorialidade na perspectiva dos autores mencionados. Tais reflexões se aproximam da multitemporalidade intrínseca a memória, posto que, como assegura Raffestin: “Na produção territorial sempre tem um ponto de partida que nunca é ileso das ações do passado. O processo territorial desenvolve-se no tempo, partindo sempre de uma forma precedente, de outro estado de natureza ou de outro tipo de território (1992, p. 31). É nessa sobreposição de tempos que a memória social, lida como um *constructo* humano se concretiza na paisagem, produzindo territorialidades diversas.

Nessa premissa, compreende-se a paisagem, como propôs Santos (1999) como um acúmulo desigual de tempos, que inapelavelmente redundam em configurações territoriais distintas, pautadas em horizontes plurais de signos e dinamicidades. É nesse ínterim que se torna possível aproximar as reflexões de Santos (1999) da leitura que Ab’Saber (2003) faz da paisagem, compreendendo-a como uma convergência de tempos, processos e relações, históricas, sociais e naturais.

Nessa leitura da paisagem, repousa a relação sociedade natureza, tão conflituosa e ao mesmo tempo, cara a reflexão geográfica. No que tange a dimensão vivida da paisagem, Berque (1984) tece a discussão em torno da paisagem-marca, paisagem matriz, uma vez que suas significações interferem, a medida que são influenciadas pela subjetividade intrínseca ao olhar de quem a experiência nos movimentos da vida cotidiana. Essa perspectiva ultrapassa a morfologia e a estética da paisagem, pois transita no campo simbólico de representações, olhares e narrativas construídas pelos sujeitos sociais sobre ela.

Um olhar sensível em relação aos tempos humanos está ancorado na compreensão de que passado, presente e futuro são dimensões intrínsecas da temporalidade que integra a memória social, que para Halbwachs (1990), define-se como uma construção social dos acontecimentos passados, realizada por meio das condições que os grupos sociais vivenciam no presente. A um só tempo, as recordações do passado comunicam ao grupo

¹Territorialidade é um meio de afetar uma interação e amplia os detalhes da ação por contato. (Tradução nossa).



sobre o seu presente, de forma que o ontem e o hoje se constroem mutuamente ao projetar-se em prefácios do amanhã.

A construção social do território, pensado em articulação com relações de pertencimento e afetividade construídas com/no lugar ocorre por meio das relações humanas e operações simbólicas que dão sentido a ele. O olhar poético de Saramago permite vislumbrar o intercâmbio de sentidos que transitam entre os sujeitos sociais e os lugares que experienciam e constroem ao longo da vida. Segundo o autor: “O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar (SARAMAGO, 1999, p.19)

Assim, em vias de conclusão, concordamos com Saramago, ao compreender que nesse intenso fazer-se dos homens, territórios e lugares os tons da geograficidade humana desenham múltiplos sentidos, símbolos e temporalidades nas paisagens do cotidiano dos sujeitos sociais, preenchendo-as de vida e movimento.

Ainda que não tenhamos evidenciado com profundidade nossas demarcações empíricas, compreende-se que é pertinente refletir sobre a tessitura teórica e metodológica na proposição dessas aproximações entre territorialidade, memória social e paisagem no contexto do PNCD. Considerando esses referenciais, e sempre revisitando-os, buscamos construir nossos alicerces e horizontes analíticos para que desse modo, a leitura da realidade a que nos propomos seja exequível.

PALAVRA-CHAVE: Memória Social; Paisagem; Territorialidade.

REFERÊNCIAS

AB’SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BERQUE, A. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. In: **Espace géographique**, tome 13, n°1, 1984. pp. 33-34;

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDHAL, Z. **Geografia Cultural: um século.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

DARDEL, E. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011[1952].

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HAESBAERT, R. As armadilhas do território. In: In: SILVA, J. B.; SILVA, C. N. M.; DANTAS, W. C. (org.). **Território, modo de pensar e usar.** Fortaleza: Edições UFC, 2016, p. 19-41.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas-1948.** Martins Fontes: São Paulo, 2004. Tradução: Fábio Landa e Eva Landa.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993 [1980].

SACK, R. D. Human territoriality: a theory. **Annals of the association of American geographers**, v. 73, n. 1, p. 55-74, 1983.

SANTOS, M. O Dinheiro e o Território. **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999.

SARAMAGO, J. **Levantado do chão.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Outras expressões, 2007.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO